

Encerramento. Palavras de Roberto DaMatta

Se eu falar assim, todo mundo ouve? "Você sabe com quem está falando?" Eu sou ruim de trânsito na área formal. Acho que Yvonne traduziu bem certas coisas, coisas que não eram parte de um projeto. Eu nunca tive muito... como dizer... eu não fui um homem de planejar, de ter o que os brasileiros chamam, normalmente, de "fazer política", de ter uma relação calculada entre meios e fins. Sempre tive uma espontaneidade muito grande, que me levou a certas escolhas.

Estou com 90 anos. Com 90 anos, você chega a um ponto em que o futuro é praticamente zero, e o passado é infinito, porque são muitas coisas de que você se lembra, são muitas vidas: você vê quantas pessoas você foi, e que você é. Eu não quero "matar" nenhum desses Robertos. Vocês falaram de alguns deles; alguns me surpreenderam. E, no fim, todo mundo enfrenta determinadas situações e toma decisões difíceis.

Fiquei pensando, nesta última rodada de falas: quero agradecer imensamente o que Ruben falou sobre esse meu lado afetivo, um lado que me liga também muito fortemente à música, ao cinema, às artes, e que, de alguma maneira, está impresso no meu trabalho. Porque a Maria Laura foi lá em casa. Cristina e eu a recebemos. E com esse jeitinho tranquilo dela, foi ao meu escritório. Quando ela saiu, eu disse: "ela fez uma pesquisa com você, seu idiota — você não vive fazendo pesquisa com índios, com os povos originários?" Mas, enfim, ela fotografou ali, e achei bacana (eu mesmo nunca tinha feito isso), mas ela fez: pegou "Carnavais, Malandros e Heróis" em português, francês, inglês e espanhol. Mostrei a ela aquele diário, de quando cheguei a Cambridge.

O que aconteceu: primeiro... eu sou de uma família — acho importante falar sobre isso, já escrevi sobre isso, é um tema que acho brasileiro, que faz parte dessas estruturas profundas do Brasil, desse Brasil que a gente quase não vê, inconsciente. Fui o primeiro da minha família a viajar para o exterior. Em casa, não havia livros; nunca vi meu pai lendo um livro — lia jornal, era informado, era funcionário público. Essa ideia de ser funcionário público fez parte da minha criação, mas, desde cedo, eu queria entender a vida, tinha um problema de entender as coisas. Havia uma situação em casa muito curiosa: minha mãe era uma mulher extrovertida, bonita, e excelente pianista, e guardei isso, amo todo tipo de música. Minha mãe tinha essa musicalidade, essa arte de tocar piano com grande excelência e competência. Meu pai era um homem calado. As figuras paternas que tive foram três tios, que eram, ao mesmo tempo, irmãos do meu pai e da minha mãe. Vocês vão entender por que me dediquei a estudar parentesco, porque isso eu só compreendi muitos anos depois:

Meus pais são filhos de dois viúvos que se casaram, cada um já com filhos: meu pai era filho do viúvo; minha mãe era filha da viúva, que tinha mais dois filhos. Esse viúvo tinha uma filha, minha tia Amália, e meu pai; casaram-se e tiveram cinco ou seis filhos, dos quais conheci três, e com eles convivi. Já adultos, tornaram-se grandes amigos meus. Foi, então, um romance entre meio-irmãos, obviamente muito difícil para eles. É claro que nunca entrevistei nenhum dos dois como

antropólogo. Mas há um outro lado da história. Imaginei, recentemente, já velho, como teria sido: fui criado praticamente como irmão deles, porque moravam em Manaus, na mesma casa. Todos os homens moravam no último andar, no sótão, no terceiro andar de uma casa grande, quase um solar amazonense, no alto de Nazaré, bairro onde, na Amazônia, tudo o que é alto é primeira classe. Isso se aprende lendo Charles Wagley: quem está no alto é gente de primeira, gente de segunda e de terceira mora na beira do rio, sujeita a inundações.

Então, esses dois tiveram que passar por uma mudança de papéis: de parente, de irmão, de meio-irmão, para namorado, amante, apaixonado. Uma mudança radical e muito complicada, como todos podemos imaginar. Perguntei ao meu tio Mário, o mais novo, um dia em que estávamos almoçando: "Tio Mário, como foi? Como a vovó reagiu?"

Contam que, numa festa lá em casa, em Manaus, meu pai dançou com minha mãe várias vezes seguidas. A orquestra parava, e quando terminavam de dançar, depois de uns vinte minutos, "tiravam um sarro deles", como se diz hoje. Ficaram assim por meia hora. Minha avó, que conheci, mulher extraordinária, maravilhosa, perdeu o marido, que foi assassinado; a Cristina e eu fizemos uma pesquisa e encontramos a notícia do assassinato dele. Minha avó Emerentina perguntou à minha mãe: "Lulita, você está namorando o Renato?" Minha mãe começou a chorar e entrou no banheiro. Claro que estava namorando, mas a sociedade... eles nunca falaram sobre isso, mas a sociedade falava. Estou contando essa história porque essa família tinha uma singularidade.

Em segundo lugar: muita gente do Nordeste e do Norte veio para o Rio de Janeiro e, por relações de parentesco e de amizade, todos se empregaram no serviço público brasileiro. Não eram ladrões, como tantas vezes acontece hoje, não eram laráprios, mas todos viraram funcionários públicos. Alguns tiveram mais sorte, em carreiras valorizadas quase exclusivamente por relações políticas, como a carreira do meu pai, que era fiscal de consumo, gaúcho. E os fiscais de consumo tiveram vários privilégios, chegando a assinar decretos e a ganhar percentuais da renda do consumo dos estados. Os fiscais de São Paulo, uns vinte, ficaram muito ricos. Meu pai tinha, assim, uma situação financeira bastante confortável, e eu assimilei esse estilo de vida. E, mais ainda, talvez, a estranheza que minha mãe sentia diante dos hábitos que trouxemos de Manaus para Niterói, e depois para o Rio de Janeiro. Depois, papai foi promovido e fomos para duas cidades do interior de Minas Gerais, São João del-Rei e Juiz de Fora, onde comecei a me abrir para o mundo. Mamãe era uma crítica, não diria feroz, mas ferina, porque era muito inteligente. E dizia que os mineiros "não sabiam usar garfo e faca", porque em nossa casa havia a imitação hierárquica, à brasileira, da mesa francesa, da mesa europeia: comer com o garfo na mão esquerda, e assim por diante. Algo que Cristina, que é meio alemã, notou logo no nosso primeiro jantar juntos: ela olhou e pensou "esse cara pode dar certo comigo". Esse tipo de coisa, acho, foi central na minha formação.

Outras coisas eu contaria com o maior prazer se estivesse no divã de um psicanalista, mas não é o caso aqui. Claro que essas coisas influenciaram. Não é

vocação, é mais profundo do que isso: é o impulso de compreender e de amar. Você não precisa destruir o objeto que está estudando; não precisa ser um crítico tão feroz a ponto de desistir totalmente dele. Pode fazer crítica, sim, mas precisa manter um relacionamento. Sobretudo quando se fala de culturas, e da cultura à qual você pertence, sem a qual você não seria quem é, que é o caso da cultura brasileira.

Cedo na vida, meu primeiro impulso profissional foi tentar fazer literatura. Li Érico Veríssimo de cabo a rabo. Admirei muito o Érico, pena que não o conheci: "Música ao Longe", "O Resto É Silêncio", "Os Dias Maravilhosos". E li, obviamente, um livro que deve ter influenciado muita gente da minha geração, "Gato Preto em Campo de Neve", que, obviamente, me deu vontade de conhecer esse país chamado Estados Unidos, também por causa do cinema. Do ponto de vista intelectual e emocional, eu queria escrever.

Quando chegou a hora de escolher a faculdade, fiz uma conta muito racional, e talvez um pouco surpreendente: eu queria fazer arquitetura, gostava de desenhar, mas não sabia matemática, então esqueci arquitetura, e fui para as ciências sociais, curso de História, na então Faculdade Fluminense de Filosofia, em Niterói, muito bem ensinado, com professores jovens muito bons. E, obviamente, no final dos anos 1950, todos nós fomos doutrinados, fomos ensinados a aprender os "mistérios" da exploração humana, da luta de classes etc. Não que houvesse por trás disso uma proposta política maldosa; era normal, num país de tradição escravocrata e aristocrática, fundado com a vinda de D. João VI, um país deficiente em publicação de livros e em cultura de maneira geral, que a gente se interessasse por aqueles professores que ensinavam essas coisas. Um dos trabalhos de que jamais me esqueci, que fiz com grande prazer e gosto, foi um comentário sobre o "Manifesto do Partido Comunista"; quando terminei, estava praticamente com os olhos cheios de lágrimas: estava engajado.

E foi assim, no final dos anos 1950, que, em 1963 saí do país e enfrentei algo curiosíssimo, que se tornaria parte do meu trabalho: a dominação burocrática. Vivi a dominação. Estou usando Weber, pouco lido no Brasil. Passei da dominação tradicional, familística, costumeira – que inclui, e quase ninguém fala nisso, a língua, que é fundamental, que define nosso mundo, nossas emoções, que é o óleo da nossa consciência, ou talvez seja a própria consciência, em termos de neurônios e circuitos elétricos – para essa outra forma de dominação .

Eu era, obviamente, de esquerda — inclusive, há pouco tempo, perdi um amigo que foi meu mentor, um psiquiatra, um cara muito legal; éramos engajados. E quem não pensava assim, chamávamos, obviamente, de "alienado" — papai era o "maior alienado", ficava na cadeira de balanço, coitado, lendo o "Diário de Notícias", e eu enchia o saco dele, meu alienado favorito.

Quando cheguei aos Estados Unidos, em 1963, fui morar numa vila havaiana; um colega, já falecido, Christopher Coker, me levou para abrir uma conta bancária — e lá você abria conta bancária como quem tomava sorvete. Abri a

conta, recebi uma bolsa do CNPq, fui morar naquela casa. Cheguei em 1963 e voltei em 1970, em agosto ou setembro. Mas, quando chegou o famoso primeiro de abril de 1964, um amigo meu, professor de matemática na PUC – fiquei muito amigo de alguns matemáticos – me telefonou dizendo que estávamos fazendo o que Fidel Castro fez em Cuba. Eram os meus ídolos, Fidel Castro, Che Guevara. Logo em seguida, abri a porta do apartamento, encontrei um vizinho americano e disse a ele, com uma arrogância meio infantil: "olha, agora é o Brasil, não é Cuba não, é um continente – vocês, americanos, abram o olho." Hoje estão ainda piores, porque têm o Trump. Mas, enfim, foi isso que eu disse ao rapaz. Pouco depois, o mesmo amigo me telefonou dizendo que era um golpe militar. Na minha cabeça, eu achava que conhecia os mecanismos de poder do Brasil, e os militares não entravam nesse quadro. O que entrava era aquele determinismo que ainda hoje funciona, o do "progressismo" de operários, de luta de classes e tal; eu era de classe média, não sei se era oprimido ou opressor.

A partir dali, em Harvard, comecei a redefinir minhas posições, aprendendo, inclusive, algo que não havia na ciência social brasileira, e acho que até hoje, embora tenhamos superado essa deficiência de maneira mais ampla: o paroquialismo intelectual da sociedade brasileira, que não lia autores importantes. Por exemplo, até hoje a sociologia brasileira não estudou nem Marcel Mauss nem Durkheim como deveria, no que diz respeito à coesão social – os dois buscavam entender o que nos torna unidos, se nos caracterizamos por egoísmo e, ao mesmo tempo, coletivismo, solidariedade e egoísmo, altruísmo e egoísmo. O que nos faz altruístas, não em todos os momentos? Eles não esqueceram isso. Qual é a lógica de presentear? Quando você recebe um presente, para quê? Pergunte ao Vorcaro ... Ele sabe mais disso do que um professor da USP, porque acertou em cheio: deu presente para todo mundo, e não fez diferença ideológica. Escrevi isso numa crônica: ele deu presente para a esquerda e para a direita, não polarizou, porque sabia – isso é parte da vida dele, como é parte da vida de todos nós – que, no Brasil, a aspiração é enriquecer, ficar rico, ganhar dinheiro. Por que você quer ser rico? Porque, sendo rico, você não precisa obedecer a nenhuma regra – começa com os sinais de trânsito, o estacionamento, a fila do restaurante. Tudo isso está embutido no nosso lado escravocrata, e temos que olhar para isso com clareza.

Parando aqui, vou entrar na outra parte. Quero agradecer, do fundo do coração, a Maria Laura, a Edmar Bacha, à Casa das Garças e à sua direção, aos meus amigos aqui presentes, à Cristina, minha família, meus filhos, meus ex-alunos. Não vou me estender nisso, porque vou começar a chorar. Mas quero agradecer, porque é o melhor presente que se pode receber quando se chega à minha idade, o que é cada vez menos raro, ainda bem. Espero que todos vocês cheguem aos 90 anos pensando, porque parar de pensar é a maior desgraça que pode acontecer a qualquer pessoa.

Chegar a receber esta homenagem, que a Maria Laura, minha querida aluna, e Yvonne... Yvonne chegou desesperada, "minha pesquisa acabou" — calma, calma: os "caras" não tinham lido Weber. O que aconteceu no centro de umbanda

que ela pesquisava é que se burocratizou: o lado burocrático passou a controlar o lado carismático, o lado dos médiuns que recebem as grandes entidades. Esse conflito permanece no Brasil – temos um conflito sério entre a dominação tradicional dos costumes e a dominação burocrática das leis, que são imparciais; os costumes não são imparciais, dependem de quem faz o que deve fazer, conforme a posição social.

Esta é, talvez, a última vez que tenho a felicidade de ser uma figura que reúne, que é o centro. Quero agradecer a todos vocês pela presença – são palavras de conforto e de recompensa, evidentemente pela idade, mas, sobretudo, pela pessoa que tentei ser, e que fui. Nunca fui artificial. Fiquei muito tocado quando Ruben falou desse meu lado afetivo – eu gosto das pessoas, tenho a "desgraça" de gostar de todo mundo. Não gosto de dizer "não gosto de fulano" – é uma frase estranha para mim; quando encontro alguém e penso "é fulano, não gosto", isso me soa muito estranho. Eu gosto de todo mundo. Acho que todos nós somos...

Uma última reflexão de um velho de 90 anos: nós, seres humanos, diferentemente dos animais, não temos instintos, temos desejos e fantasias. Somos todos, profundamente, traidores, errados. Ninguém escapa ... e, ao mesmo tempo, somos anjos de candura. Queremos as duas coisas, muitas vezes, ao mesmo tempo. Convenhamos que é um bicho complicado, difícil, o que explica certas patologias contemporâneas, esse sistema de comunicação em que, mesmo em casa, querendo trabalhar, o telefone não para de tocar, porque alguém, um comunicador, se acha importante. O Trump faz isso. Somos avassalados em termos de conhecimento, e, ao mesmo tempo, esse conhecimento não vem acompanhado daquilo que ele demanda, que é fraternidade, solidariedade mundial: um mundo globalizado, mas não "mundializado", em que pessoas são proibidas de entrar em outros países. Isso explica esses movimentos contraditórios dentro de um mesmo sistema, como o caso americano, que assombra. Claro que, a partir de certo momento, não dá para achar que existe um sistema imóvel: o Egito não foi imóvel, a Babilônia não foi imóvel, o Império Romano não foi imóvel; as coisas mudam, e no mundo de hoje mudam ainda mais rapidamente. Mas o Trump há de passar, e os Estados Unidos, com aquilo que aprendi lá e que me encantava – exatamente o que escrevi sistematicamente sobre a imparcialidade, que significa igualdade – , o coração da igualdade como valor é a imparcialidade: todos são julgados da mesma maneira, são os fatos que induzem o julgamento, sem que possa haver influência de relações pessoais.

Isso é o que tentei colocar em *Carnavais, Malandros e Heróis*, quando fiz o capítulo sobre "Você Sabe com Quem Está Falando?". Mas há outro lado do livro que também é importante estudar, e que muito me impressionou: os heróis brasileiros. Porque não há herói brasileiro! Uma vez, no Museu Nacional, havia dois americanos entre meus alunos, inclusive David Hess e mais um outro americano; além de uns oito ou nove alunos brasileiros. Pedi que fizessem uma lista de heróis. Os americanos, em cinco minutos, me entregaram seis ou sete nomes: George Washington, Lincoln, e por aí vai. Os brasileiros ficaram se entreolhando.

Maria Laura Cavalcanti

Lampião?

Roberto DaMatta

Será que posso pôr Lampião? Não, Lampião é bandido.

Ricardo José Barbieri

Não, mas é herói também.

Roberto DaMatta

É bandido, ou é herói? Foi isso que me inspirou a escrever sobre a malandragem — é preciso que mais gente pesquise essa ambiguidade, essa coisa do "mais ou menos", que passa sempre para o lado pior, e não para o lado melhor. É aquilo que todos nós fazemos, aprendemos a fazer, e continuamos fazendo. Enfim, não tenho como agradecer — não tenho instrumentos verbais, emocionais, psicológicos para traduzir meu apreço, meu agradecimento por este evento, que tem por centro a minha pessoa, na qualidade de professor, de escritor, de intelectual e de amigo fraterno. Muito obrigado. E vamos comemorar, não é?

Maria Laura Cavalcanti

Obrigada a todos. E Ruben, muito obrigada! É uma pena que você não possa estar aqui para compartilhar conosco um abraço forte, na presença — fica a saudade.

Ruben Oliven

Vou abrir uma garrafa de vinho e brindar aqui a Roberto. Um grande abraço a vocês.